

**A PRÁTICA DA CAPOEIRA DURANTE A PANDEMIA: A PERSPECTIVA DE REDE NAS DESCOBERTAS PESSOAIS E FORTALECIMENTO DE GRUPO**Sabrina Abade<sup>1</sup>Matheus Schimith Batista<sup>2</sup>**Introdução**

A capoeira enfrentou grandes mudanças socioculturais ao longo dos últimos séculos. Com a chegada da pandemia e da demanda por novas práticas de comportamento, os/as capoeiristas são levados a ressignificar suas ritualísticas e perceber outras abordagens metodológicas para o desenvolvimento do jogo. O artigo tem como objetivo reconhecer o cenário de adaptação da prática da capoeira e identificar caminhos desenvolvidos pela e para a capoeira após o isolamento social. Por meio de uma análise de ações desenvolvidas pela Mestre Sabrina Abade no Grupo de Capoeira Beribazu durante a pandemia, argumenta-se alternativas metodológicas para continuidade da prática. Neste cenário, a inserção das ferramentas tecnológicas se torna um caminho fundamental para o desenvolvimento e a difusão da capoeira, mas evidencia desigualdades.

Este artigo foi escrito e pensado pela perspectiva de duas pessoas praticantes da capoeira: uma mestra e um aluno graduado. Além da perspectiva da hierarquia, este diálogo é fruto de uma amizade e de uma confiança mútua. Engana-se quem pensa que este processo de ensino-aprendizagem entre nós, se estabelece como uma via de mão única. Não é assim que acontece. Entendemos que nossos aprendizados juntos são sempre cercados por uma troca, por uma vontade mútua de crescer e ajudar o/a outro/a a crescer. Por isso, nesta escrita a quatro mãos, muitas vezes nossas vozes tão distintas, se confundem.

Pretendemos neste exercício de diálogo, pensar em como a prática da capoeira pode ser entendida pela perspectiva de rede, influenciando nossas descobertas pessoais e fortalecendo nossa noção de agrupamento. Para isso, tomamos como

---

<sup>1</sup> Pós Graduação em Docência no Ensino Superior pela Faculdade Estácio de Sá (2008) Pós graduação em Educação Física Escolar Cesap (2016). Email: sassabade@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Mestre em Artes Cênicas na Universidade Federal da Bahia (PPGAC) com pesquisa relacionada à capoeira e as poéticas do ator. Email: mateus.sba@gmail.com

base o Grupo de Capoeira Beribazu, em Vitória-ES, coordenado pela Mestre Sabrina Abade e de onde surgiram outras ramificações de práticas e pensamentos.

Como procedimento metodológico, por meio das narrativas autobiográficas de duas pessoas atuantes no seu meio, buscamos imergir em questões reflexivas de nossas experiências como praticantes de capoeira, evidenciando elementos de nossas histórias que podem ser examinadas pela interpretação dos sentidos subjetivos de cada um de nós. Neste lugar, assumimos o protagonismo e os riscos de pesquisar nossas próprias narrativas e produzir sentidos com ela.

Como procedimento metodológico, por meio de estudo de caso, analisamos as ações realizadas pelo Núcleo da Mestre Sabrina Abade, junto ao Grupo de Capoeira Beribazu, no período de isolamento social, especificamente de 17 de março de 2020 a 15 de novembro de 2020 (sete meses). Para isso, tomamos como base de análise, os materiais de divulgação das ações da Mestre Sabrina Abade (fornecidos por ela), gravações de falas e palestras on-line, entrevistas concedidas e por meio da observação direta ou participativa de aulas e reuniões que estivemos presentes. Com isso, pretendemos pensar como o isolamento social causado pela pandemia afetou a nossa prática da capoeira e poderá causar impactos à longo prazo, em especial na experiência do Núcleo da Mestre Sabrina Abade do Grupo de Capoeira Beribazu.

A chegada da pandemia, nos trouxe uma urgência de medidas de contenção do contágio. Diversas manifestações culturais (festas juninas e escolas de sambas, por exemplo) foram pegadas de surpresa diante da necessidade de parar suas atividades coletivas. A necessidade de se combater quaisquer ações que nos levassem à aglomeração de pessoas, fez com que inúmeras práticas, inclusive cotidianas e individuais, passassem a se tornar uma ameaça para a propagação de um vírus que pode estar lançado no ar. Entre as práticas suspensas, está a capoeira, modalidade que se estabelece a partir do diálogo entre dois corpos, que em determinados momentos se esbarram, se aproximam, se afastam e se conectam numa dinâmica de construção única do movimento.

Uma das características presentes nessa situação de isolamento social está o aumento de atividades mediadas por tecnologias de informação e comunicação, que dentro da dinâmica de manifestações culturais, muitas vezes foi vista com resistência,

diante da vontade de perpetuar uma tradição que se firmou por meio da oralidade, de aulas presenciais (presencialidade não virtualizada), encontros e workshop em eventos fechados e pagos.

Por um lado, a perpetuação dessa mediação das informações, quase exclusivamente baseado na presencialidade física, permite um controle maior da veiculação do que está sendo dito ou praticado e fomenta um desejo coletivo da manutenção do contato físico e afetivo entre os/as pares. Por outro lado, limitam o número de pessoas a terem acesso ao conhecimento, impedindo o seu crescimento potencial e seu desenvolvimento (inclusive pelo reconhecimento de suas diferenças).

A situação causada pela necessidade de enfrentamento da COVID-19, forçou a maior e mais rápida inserção destas práticas coletivas por meio da internet. Exemplo disso é que, desde o início da pandemia no Brasil, aconteceu uma enxurrada de *lives* com aulas, debates, musicalidade etc., com grandes expoentes da capoeira. A oportunidade de ouvir e ver Mestres e Mestras de capoeira compartilhando seus conhecimentos e histórias de vida ao vivo e com a possibilidade de interagir com perguntas, foi uma grande mudança para todo *meio capoeirístico*, que rapidamente buscou se organizar e se apropriar dessas ferramentas tecnológicas, para dar continuidade aos seus treinos.

Esse ambiente virtual, contudo, ao mesmo tempo que abre espaço para uma dinâmica de interação entre diversos setores sociais, evidencia e potencializa aspectos da desigualdade social e racial brasileira, devido meios de subsistência diante da pandemia e à impossibilidade de acesso à rede de internet vivida por milhares de pessoas.

## **Por uma Organização Horizontal em Rede Realmente Democrática**

Segundo Nelson Preto e Cláudio da Costa Pinto (2006), em seu artigo *Tecnologias e novas educações*, seria possível entender a rede de internet como uma ferramenta propícia a uma horizontalização nas relações interpessoais, sendo um dos motivos para isso, o acesso democrático de interação que a ferramenta propicia.

Vale lembrar que, o termo *organização horizontal em rede*, de acordo com Preto e Pinto (2006), é oriundo dos estudos de administração de empresas e utilizado

para reflexão de uma mudança nas funções administrativas e hierárquicas, que tradicionalmente se organiza numa estrutura vertical de comando. Na organização vertical, há sempre uma instância mediadora com mais poderes para resolver um problema. Ainda segundo os autores, a necessidade de criar mais velocidade no processo decisório das empresas, devido ao aceleração do mercado global, estimulou o desenvolvimento de alternativas que se aproximassem da horizontalização no planejamento e na tomada de decisão das empresas.

Como produto desta busca por uma horizontalização nas relações interpessoais em rede, a internet foi criada e desenvolvida (*a rede das redes*) (PRETTO, PINTO, 2006). Isso porque, a internet se consolida como um espaço virtual em que seus usuários podem absorver e produzir conteúdos, formando uma estrutura de interação sem necessariamente ter um “governante” para gerir. Ainda assim, de acordo com os autores,

[...] precisamos considerar a democratização do acesso à internet como peça-chave para que a população possa ter a possibilidade de organizar-se de modo horizontal. Neste sentido, são de fundamental importância políticas públicas que garantam esse acesso, entendendo-o como urgente, o que implica pensarmos em soluções coletivas e públicas, e não apenas no acesso individualizado nas residências. (PRETTO, PINTO, 2006, p.20).

Ou seja, se por um lado estamos lidando com um acesso cada vez maior e mais barato à internet, por outro lado, esse crescimento ainda mantém uma estrutura de desigualdade baseada em poder aquisitivo e em cor/raça/etnia. De acordo com o Comitê Gestor de Internet no Brasil (2019), por meio do estudo *TIC Domicílios 2019*, 74% da população brasileira possui acesso à internet no país, sendo que 71% da população possui acesso à rede em sua própria casa. No entanto, quando se observa as classes mais pobres (nominadas de classes D e E), esse índice cai para 53% (o que também indica, por sua vez, um acréscimo frente aos 48% obtidos no ano anterior).

Ou seja, por mais que haja a tendência ao aumento acelerado de utilização de internet, sobretudo pelos mais pobres, entende-se que os acessos às redes de internet ainda se sustentam na lógica “[...] que privilegia aqueles outros sempre favorecidos pelo sistema econômico” (PRETTO, PINTO, 2006, p.20).

Além disso, acompanhando esses dados sociais, de acordo com o IBGE no estudo *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil (2019)*, de 2016 e 2017 a população preta e parda desenvolveu um aumento significativo na utilização da internet (de 59% em 2016 a 65% em 2017), porém permanece em desvantagem à população branca (71% em 2016 e 75% em 2017). Entre os dados mais atuais oferecidos pelo *TIC Domicílios 2019*, 65% das pessoas pretas e 61% das pessoas pardas, usam exclusivamente o celular como acesso à internet, enquanto para as pessoas brancas esse índice cai para 51%.

Essas desigualdades presentes no país e latentes no acesso e desenvolvimento da internet também pode ser facilmente percebido pela perspectiva do gênero, como expõe Laura Conde Tresca em seu artigo *Participação de mulheres na governança da internet (2021)*:

O mundo da tecnologia é dominado por homens, seja por escolha de carreira, ocupação de liderança nas empresas do setor ou posição de tomada de decisões. É um ecossistema branco, heterossexual, masculino que se reproduz socialmente por meio de um pacto narcísico (BENTO, 2002). Ainda que eventualmente não seja um ato individual, o machismo – assim como o racismo – é estrutural em nossa sociedade. Não é uma questão individual de sentimento e pode ser demonstrado cotidianamente por meio de dados. Inclusive, às vezes, mulheres reproduzem essa estrutura social de maneira compulsória. As mulheres que optam por adentrarem neste campo necessariamente são minoria e devem enfrentar esse não-lugar afirmado constantemente (TRESCA, 2021, p.15).

Segundo a pesquisadora, entende-se a necessidade de romper com a invisibilidade sobre a igualdade de acesso e governança das tecnologias de informação e comunicação, evidenciando dados e combatendo a prática de silenciamento em relação a gênero e cor/etnia/raça no país. Além disso, reconhece-se ainda a necessidade de garantia dos direitos destas pessoas, assim como a urgência de ações afirmativas de políticas sociais que as permitam ocupar seus lugares de direito. Ainda segundo a autora, esta mudança precisa partir também dos homens:

O mínimo é fazer exercício constante para evitar comportamentos misóginos ou machistas, como assédio, *mansplaining*, *bropropriating*, *gaslighting*, *maninterrupting* etc. Também há de se reconhecer o seu

lugar de privilégio e ativamente procurar se abster de seus benefícios, quando possível (TRESKA, 2021, p. 22).

O pesquisador Pierre Lévy, em seu livro *Cybercultura (1999)*, já entendia que estamos diante de uma situação desafiadora no processo de construção de uma rede de internet que seja a mais horizontal e democrática possível. Ao mesmo tempo em que temos a evidência de uma desigualdade social, de gênero e racial que se reflete no acesso amplo e adequado às tecnologias da informação e da comunicação; também temos a evidência de que esse espaço virtual ganha cada vez mais importância na construção e desenvolvimento de nossas culturas. Ainda segundo o autor, o caminho possível para esse embaraço na construção de uma rede horizontal, está na necessidade de aumento do investimento governamental para promover o acesso e o aprendizado crítico de desenvolvimento desses ambientes.

Ou seja, embora já se reconheça um aumento expressivo na utilização de internet pelos/as brasileiros/as durante o isolamento social, isso também não significa que o acesso se tornou mais democrático. Pois, entende-se que reconhecer o crescimento acelerado na utilização da internet não garante uma qualidade de conexão, nem mesmo que seus usuários tenham habilidades suficientes para desempenhar algumas atividades que antes faziam apenas presencialmente.

## **O Reconhecimento da Situação Pandêmica e o Impacto na Capoeira**

O filósofo Slavoj Žižek (2020) em seu livro *Pandemia*, demonstra que a chegada do contágio acelerado por Covid-19 nos países que não possuem estruturas preparadas, nem tempo para lidar com o que ele chama de *inimigo invisível*, tem forçado um isolamento social de parte da população, provocando um caos sanitário no sistema de saúde das populações. Os efeitos colaterais dessa pandemia, nos leva a uma crise tripla: “[...] Uma crise médica (a epidemia em si), uma crise econômica (que vai nos acertar em cheio independentemente do desfecho da epidemia) e, por fim, uma crise de saúde mental, a qual não deve ser subestimada” (ŽIŽEK, 2020, p.81).

Pensando em como essas crises já estão afetando nossas culturas, podemos visualizar como a prática da capoeira está sendo atingida pela pandemia. Por um lado,

os/as capoeiristas que possuem maior poder social e econômico, têm desenvolvido atividades mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação. Por outro lado, uma parcela expressiva não possui recursos tecnológicos para se inserir nesta situação. Além disso, vários/as capoeiristas não têm espaço físico em casa, adequado para realizar a prática. Muitas crianças, jovens e adultos possuem acesso à água potável apenas nas dependências das associações de bairros, espaços comunitários, projetos sociais, onde essas práticas culturais costumam acontecer. Na escassez de recursos mínimos como comida, não é possível mensurar como a pandemia está de fato afetando a saúde destas pessoas. Aliás, a situação é ainda mais agravante ao pensar que boa parte das crianças em idade escolar do ensino público, tiveram suspensas as refeições realizadas na escola, o que muitos têm como única fonte de alimentação.

A crise médica, inicialmente, nos impõe a necessidade de um distanciamento social como forma mais eficaz de retardar o contágio do vírus, diminuindo assim a propagação e o agravamento desta crise (ZIZEC, 2020). Com isso, estamos nos condicionando a evitar o contato físico e as aglomerações. Dentro desta perspectiva, a prática da capoeira está completamente afetada.

A metodologia de treinamento da capoeira, em sua grande maioria, pressupõe um trabalho coletivo entre jogadores/as, no qual há diferentes abordagens que levam ao constante contato físico em espaços fechados por horas consecutivas. Além disso, a própria concepção da roda de capoeira - reconhecida como patrimônio imaterial da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (2014) - pressupõe em sua espacialidade a aglomeração de pessoas circunscritas na roda. Durante a pandemia, um evento como esse é visto como grande ameaça de contágio e, por isso, está completamente impedido e sem perspectivas de retorno.

Mesmo diante da possibilidade de retornar, como já acontece em alguns lugares, os mestres e as mestras serão levados a repensar suas metodologias de ensino. Neste aspecto, precisarão refletir as possibilidades de continuidade de suas práticas de forma que minimize seus riscos e mantenha a ritualidade que entenderem necessária para desenvolver sua capoeira.

A crise econômica provocada pela pandemia é inevitável. Alguns/as mestres e mestras de capoeira do Grupo Beribazu tinham como mercado de trabalho, viagens nacionais e internacionais para conferências e oficinas em eventos de graduação e formatura de grupos de capoeira. Outros/as sustentavam-se somente por meio dos poucos lucros de seus centros de treinamento, quando esses lucros existiam (uma vez que é grande o número de mestres/as que desenvolvem seus trabalhos sem fins lucrativos). Além disso, grande parte dos/as praticantes de capoeira dependem de outras atividades profissionais para o seu próprio sustento.

Ou seja, embora tenha uma grande inserção nas culturas brasileiras, reconhece-se que a capoeira ainda não encontrou mecanismos para que os seus membros sobrevivam por meio de sua prática e dedicação. Poucos avanços foram feitos desde os compromissos firmados pelo governo brasileiro junto ao reconhecimento da roda de capoeira como *Patrimônio Imaterial da Humanidade* pela Unesco (2014). Além disso, em meio a uma dificuldade de organização e de políticas públicas, a pandemia se torna mais um fator agravante que revela a urgência da salvaguarda dos mestres e das mestras do saber da capoeira.

Na pandemia, a crise mental está também indissociável e simultânea às outras duas crises. Em nosso núcleo de praticantes de capoeiras, notamos uma sensação de preocupação constante com a própria saúde dos familiares, além do difícil papel de controlar a identificação com o desespero das pessoas que perderam entes próximos. Além disso, percebemos uma sensação de clausura provocada pela manutenção de um estado de isolamento social, nos fazendo desejar sair de casa, ao mesmo tempo em que sentimos pânico com a ideia de ter que sair na rua.

Percebemos que seria inevitável ter que lidar com nuances de tristeza e ansiedade para conviver com uma situação que nunca vivemos e que não podemos prever quando irá acabar, nem se irá acabar. Aliás, independente da superação do período pandêmico, nosso comportamento não será o mesmo. As marcas, os traumas, as descobertas e os efeitos serão sentidos por anos em nossos psicofísicos, como também reconhece Zizek (2020).

Vale lembrar que, ao pensar em caminhos para lidar com essa crise mental, com a confusão dos nossos pensamentos, percebemos que a prática da capoeira

sempre foi um recurso natural, para nós. Referimo-nos a momentos importantes de crescimento pessoal em que tivemos que enfrentar nossos medos e nossas angústias e o jogo de capoeira se tornava um terreno propício para exercitá-los. Não que a capoeira seja um lugar confortável para nós. Ocorre justamente o contrário: jogando capoeira lidamos diretamente com os nossos limites psicofísicos e com a perda do controle sobre as coisas do mundo. Essas condições nos impellem a entrar em um espaço de risco em que é preciso jogar, lidar com limites, medos, angústias.

### **Medidas de adaptação do Núcleo da Mestre Sabrina Abade**

Na tentativa de reconhecer as ações que foram desenvolvidas pelo grupo nesta situação de isolamento conversamos com os mestres e mestras do Grupo de Capoeira Beribazu. Com isso, reconhecemos algumas frentes de desenvolvimento da capoeira no grupo especificamente, por intermédio de recursos tecnológicos (plataformas online): treinos, aulas de instrumentação e musicalidade online; *lives* de palestras, conversas e discussões teóricas.

O núcleo ao qual pertencemos se organizou para continuar desenvolvendo dois treinos semanais, por meio de videoconferência. Dentro das possibilidades dos/as alunos/as e da Mestre Sabrina Abade, eram realizadas chamadas por meio de plataformas de reuniões online, em que a Mestre desenvolvia os movimentos e exercícios e ainda observava como os/as alunos/as executavam tais movimentos. A quantidade de treinos semanais permaneceu semelhante ao que é feito no ensino presencial, porém, o tempo de duração do treinamento diminuiu de três horas para uma hora.

As aulas foram direcionadas apenas aos/às alunos/as graduados/as, que já haviam treinado capoeira antes da pandemia. Dos/as alunos/as, foram requeridos apenas o acesso à internet e um espaço em suas casas para fazer movimentos. Além dos/as alunos/as pertencentes ao núcleo, houve uma participação ativa de dois praticantes de capoeiras que residem na Argentina, além da presença frequente de outras mestras e contramestras que também frequentaram as aulas. Essas pessoas ingressaram nos treinos por meio da rede de contatos da Mestre Sabrina Abade.

A Mestre percebeu que a descoberta dos recursos das plataformas *online*s a permitiu e induziu a construir uma metodologia específica para o treinamento de capoeira, nesta situação. Dentro de seu planejamento, a mestre entendeu a importância do cuidado na formulação de uma sequência de movimentos que possibilitasse aos/às praticantes a execução em espaços reduzidos de trabalho, pensando prioritariamente na manutenção da segurança. Desta forma, ela escolheu movimentos que possuem baixo risco de lesão para permitir que os/as participantes desenvolvessem suas práticas dentro dos limites de suas capacidades físicas.

Desta forma, na impossibilidade de realizar o *Aú* (movimento de giro, popularmente conhecido como *estrelinha*) fazemos apenas a marcação da entrada do movimento, parando com as mãos no chão e uma das pernas levantadas. Ao invés de realizar uma sequência de movimentos giratórios, como o *rabo de arraia* (movimento de giro em que o/a jogador/a roda o tronco, impulsionando um golpe com o calcanhar), que pode pressupor um deslocamento pelo espaço, buscamos movimentos com pouco deslocamento, aprimorando suas capacidades isométricas.

Um dos desafios percebidos está no/a aluno/a conseguir compreender o movimento, adequando-o às limitações da transmissão online, além da dificuldade de executar os movimentos complexos que exigem um desenvolvimento de lateralidade e orientação espacial. A lateralidade é vista como desenvolvimento motor para executar movimentos de um lado do corpo ou de outro, enquanto a orientação espacial pode ser entendida pela capacidade motora de compreensão da espacialidade do movimento nas três dimensões (HAYWOOD; GETCHELL, 2004). Na capoeira, estimula-se que o/a jogador/a pratique os movimentos em diferentes direções, ampliando seu vocabulário e estimulando o seu desenvolvimento motor.

Além disso, percebemos que essa mediação tecnológica no treinamento pode se tornar uma potencialidade quando ela percebe que o/a participante começa a desenvolver uma autonomia em seu processo de aprendizagem do movimento. Isso porque a sensação de estar sozinho/a em seu espaço íntimo oferece ao/à participante a possibilidade de se apropriar do movimento, desenvolvendo suas capacidades e habilidades.

Os encontros semanais também tiveram que abrir um espaço para as trocas de experiências e sensações que circulavam no enfrentamento da pandemia. Houve uma percepção coletiva de que estávamos sobrecarregados de trabalho, além da sensação de cansaço e angústia. Havia a compreensão, por isso, que aqueles encontros extrapolavam o treinamento da capoeira, para aproximar aquelas pessoas em torno do grupo, fortalecendo a sensação de que enfrentaríamos aqueles desafios juntos e juntas.

De forma geral, os encontros multimídias têm facilitado intercâmbios entres outros grupos, núcleos, reunindo pessoas de diferentes partes do país e de outros países, com Mestres, Mestras e professores de diferentes escolas, abordagem, linguagem corporal e metodologia de ensino, nos fazendo refletir sobre a riqueza e diversidade da prática docente. Muitos capoeiristas de carreira (que buscam progredir e se dedicar profissionalmente com a prática) conseguiram se desenvolver nesta situação, aspectos da capoeiragem, não só em sua motricidade, mas também na musicalidade, história, instrumentação e docência. Contudo, embora ajudem na manutenção e desenvolvimento dos/as jogadores/as graduados/as, há uma percepção de um vácuo em proposições para a integração de jogadores/as iniciantes. Tal fato prejudica a renovação das gerações de capoeiristas, justamente quando o engajamento dos/das capoeiristas nas redes se torna mais expressivo.

Além disso, a situação de isolamento tem fomentado as proposições de discussões teóricas sobre a capoeira em diferentes plataformas de mídias e perspectivas transversais à capoeira. Discussões sobre políticas públicas, questões sociais e pedagógicas da capoeira diante da pandemia têm sido abordadas em videoconferências e *lives*, transpassadas por discussões sobre raça/cor/etnia e gênero, também relevantes e urgentes nesta prática.

Dentre os temas abordados nessas discussões mediadas pelas tecnologias contemporâneas, no caso das atividades desenvolvidas pela Mestre Sabrina Abade, as questões de gênero têm ganhado espaço nas discussões, agregando diferentes vozes femininas de grupos de capoeira para discutir a presença da mulher na capoeira.



Figura 3 - Material de Divulgação de Conversa com Mestras de Capoeira

Figura 3 - Material de divulgação de conversa sobre Coletivos Femininos na Capoeira

Durante o isolamento, a Mestra reconhece o aumento do interesse por ações de reflexões empíricas sobre a capoeira. Essa tendência de discussões mediadas pelas novas tecnologias demonstra-se, mais do que qualquer outra, como uma abordagem que tem potencial de permanecer na prática da capoeira, mesmo depois da fase de isolamento social. Isso porque, essas possibilidades tecnológicas já apresentavam um crescimento, mas esbarravam na ainda baixa adesão dos/as *imigrantes digitais*. A situação de isolamento forçou uma adesão maior às tecnologias contemporâneas, apresentando-se como uma ferramenta viável para a integração global da capoeira.

Exemplo disso é que, segundo a Mestra Sabrina Abade, a criação de uma rede com mais de 165 mestras e contramestras de capoeira que nasceu em 2017, ganhou, neste momento, mais engajamento coletivo para a formação e informação sobre assuntos que envolvem os desafios enfrentados na prática da mulher na capoeira. Nesta perspectiva, o crescimento da utilização das tecnologias da informação e da comunicação, permite que esse grupo de mulheres se fortaleça em suas práticas locais.

Isso porque, muitas vezes as mulheres se veem solitárias nas discussões e no processo de aprendizado em seus núcleos, ainda ocupados majoritariamente por homens e dentro de uma lógica hierárquica que beneficia as estruturas de poder (machistas, homofóbicas e racistas) ainda instituídas. Aliás, é comum encontrar relatos de mulheres capoeiristas que desistem do processo de graduação, por se sentirem silenciadas, desestimuladas ou assediadas em seus ambientes de prática de capoeira.

## Considerações Finais

Pensando em uma perspectiva de legado que essa situação deixará para o desenvolvimento da capoeira, percebemos um aumento da inserção de capoeiristas em atividades mediadas por recursos tecnológicos contemporâneos. Além do aumento considerável de pessoas conectadas, esse processo tem forçado uma ambientação de seus usuários/as a plataformas que são antigas, porém pouco exploradas.

Entretanto, não se pode perder de vista que esse legado evidencia uma perspectiva elitista, machista e racista da prática, verticalizando ainda mais essas estruturas de poder. Demonstra-se urgente levar também em consideração a evasão de mestras e mestres, bem como de alunos/as em situação de vulnerabilidade, como transformação da prática da capoeira pensada enquanto cultura. Assim, questiona-se, mais uma vez, como as políticas públicas poderiam atuar na permanência destas pessoas nesta prática. Ou ainda, questiona-se como essas políticas públicas poderiam ser pensadas para democratizar o acesso às redes da internet, possibilitando uma interação realmente horizontal entre seus/suas praticantes.

Vale ressaltar que a criação de conteúdos digitais permitem ainda pensar em uma evolução na criação de registros de uma memória nacional da capoeira, demonstrando-se como uma tendência de novas possibilidades de inserção da prática e salvaguarda da capoeira. Além disso, a utilização dessas tecnologias contemporâneas tem demonstrado ser uma forma interessante para difundir e veicular ações de reflexão e formação de capoeiristas, democratizando alguns espaços de poder pelos quais se reivindica, há algum tempo. Embora já se tenha sinalizado, é

importante ressaltar que a atual realidade ao mesmo tempo que democratiza espaços, elitiza outros. Ao mesmo tempo que agrega novos/as participantes, exclui outros/as, quando deveriam incluir.

Frente a isso, a maior inserção da capoeira nas mídias contemporâneas pode permitir um diálogo mais amplo sobre esses processos democráticos e antidemocráticos, de visibilidade e invisibilidade nesta cultura. Além disso, diante dos processos já existentes de internacionalização da prática da capoeira, contribui-se para que sejam construídas redes de comunicação entre grupos, núcleos e praticantes em diferentes partes do mundo, para se praticar e discutir capoeira de uma forma mais conectada, interativa e consciente.

Com isso, mesmo que o isolamento social decorrente da pandemia seja suspenso em breve e sejam permitidos os encontros coletivos (ainda que de uma forma diferente), os traços dessas crises e as formas com que os/as capoeiristas tem se desenvolvido diante delas, poderá causar um impacto na forma com que se pensa e pratica a capoeira no presente e no futuro.

A tradicional e insubstituível roda de capoeira, momento epifânico em que o jogo é vivido, não tem como acontecer no momento e nem pode ser virtualizada por seus/suas praticantes. Por hora, permanece o reconhecimento de sua ausência (e, por isso, presença) em nossos corpos, até o dia em que sejam possíveis os nossos reencontros.

## Referências

BRASIL. Comitê Gestor da Internet. **TIC Domicílios e Empresas 2019**. Pesquisa sobre uso das tecnologias de informação e comunicação no Brasil, 2019. Disponível em: <<https://cetic.br/pesquisa/domicilios/indicadores/>>. Acesso em: 02 de julho de 2020.

IBGE. Instituto brasileiro de geografia e estatística (IBGE). **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil. 2019**. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf)>. Acesso em: 02 de julho de 2020.

IPHAN. Ministério da Cultura. **Dossiê: Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil**. Brasília, 2007.

HAYWOOD, K. M.; GETCHELL, N. **Desenvolvimento motor ao longo da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia Fuhrmann. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

PRETTO, N. e PINTO, C.C. Tecnologias e novas educações. **Revista Brasileira de educação**, v.11, n.13, 2006.

TRESCA, L. C. Participação de mulheres na governança da internet no Brasil. in: BRASIL. Comitê Gestor da Internet. Tic, governança da internet e gênero: tendências e desafios. 2021. p. 11-25. Disponível em <https://www.cgi.br/publicacao/coletanea-tic-governanca-da-internet-e-genero/>. Acesso em: 28 de abril de 2021.

UNESCO. Convention pour la sauvegarde du Patrimoine Culturel Immatériel – Le Cercle de capoeira. Paris: UNESCO, 2014.

ZIZEK, S. **Pandemia: COVID-19 e a reinvenção do Comunismo**. São Paulo: Boitempo, 2020. Tradução de Artur Renzo.

Recebido março de 2023

Aprovado junho de 2023.